



Francisca Maria Ilário de Moraes Oliveira

RESUMO

A presente pesquisa tem a intenção de analisar o uso da literatura como fonte para história, através da obra literária *Malhadinha* do escritor José Expedito Rêgo. Para alcançar esse objetivo foi necessário seguir as indicações das renovações metodológicas da Nova História e estudar a ficcionalidade da História e a historicidade da Literatura. As fontes usadas nesta pesquisa foram: o romance *Malhadinha*, (1990) de José Expedito. O trajeto desta monografia segue a partir das abordagens do seguinte referencial teórico: Antônio Celso Ferreira (2012) e Sandra Jatahy (2003), Teresinha Queiroz (2006) e Durval Muniz (2007). O resultado das análises revela que ao longo da História da humanidade podem-se observar constantes transformações, sociais, culturais, políticas e econômicas que caracterizam o modo de viver de épocas e que também determina o comportamento e a forma de se relacionar das pessoas.

Palavras-chave: História. Literatura. O. G. Rêgo - Obra *Malhadinha*.

ABSTRACT

The present research intends to analyze the use of literature as a source for history, through the literary work *Malhadinha* of the writer José Expedito Rêgo. To reach this goal, it was necessary to follow the indications of the methodological renewals of the New History and to study the fictionality of History and the historicity of Literature. The sources used in this research were: the novel *Malhadinha*, (1990) by José Expedito. The trajectory of this monograph follows from the approaches of the following theoretical reference: Antônio Celso Ferreira (2012) and Sandra Jatahy (2003), Teresinha Queiroz (2006) and Durval Muniz (2007). The result of the analysis reveals that throughout the history of humanity one can observe constant social, cultural, political and economic transformations that characterize the way of life of times and that also determines the behavior and the way of relating of the people.

Keywords: History. Literature. O.G.Rêgo - *Malhadinha* Book.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal discutir o uso da literatura como fonte histórica. O uso de obras literárias como fonte para histórica é sem dúvida um campo de pesquisa que tem se desenvolvido muito no Brasil, pois tanto a história como a literatura são maneiras de explicar o presente, imaginar o passado e pensar no futuro. Podemos observar que os textos literários são fatos históricos tendo como ponto principal o fato de quem escreve

estar historicamente posicionado e influenciado por aquele momento. Desta forma utilizaremos a obra literária *Malhadinha* do jornalista, escrito e médico José Expedito Rêgo, um oeirense que muito contribuiu para cultura e para a sociedade de Oeiras.

Rêgo nasceu no dia 01 de junho de 1928 na cidade de Oeiras, mais precisamente na Rua do Fogo, onde passou boa parte de sua vida. Filho de Dona Carmen de Carvalho Reis e do Senhor Assuero Cesar Rêgo, comerciante de respeito da cidade. A Rua do Fogo onde residia a família não era calçada e levava este nome por causa do costume de queimar boi-bumbá na festa de São João. Estudou as primeiras series em escola publica ao concluir o primário foi estudar na capital do Piauí a cidade de Teresina em seguida conclui seus estudos na Bahia onde formou-se em medicina na Universidade Federal da Bahia, por lá casou-se, e voltou a residir em Oeiras, dedicando-se principalmente à obstetrícia e a clínica geral, logo montando consultório em sua cidade natal.

Trabalhou no Hospital Regional Deolindo Couto, e prestou serviço à população através da Puericultura⁶ no Posto de Saúde de Oeiras. Rêgo também ingressou na política, mas não teve sucesso. De 1971 a 1976, em sua terra natal e com a colaboração de Posidônio Queiroz e Raimundo da Costa Machado, dirigiu *O Cometa*, jornal de cunho cultural. Era também jornalista, poeta, compositor e escritor. No período em que residiu na antiga capital do Piauí também foi membro e fundador do Instituto Histórico de Oeiras. (IBENS, 2009). Assim com Expedito Rêgo seus personagens da narrativa *Malhadinha*.

A partir do ano de 1977 ele se muda para Floriano, cidade localizada no sudeste piauiense, a 240 km da capital Teresina, onde viveu até 2000, ano de seu falecimento. No período em que reside na cidade, presta serviço como médico, trabalhando no Hospital Regional Tibério Nunes até sua aposentadoria. Na temporada em que viveu em Floriano, continuou escrevendo crônicas e publicando no Jornal local da cidade, dando ainda continuidade à publicação de suas obras literárias: *Né de Sousa* (1981), reeditada como *Vaqueiro e Visconde* (1986), *Malhadinha* (1990), *Vidas em Contrates* (1992) e *Caminhos da Loucura* (1996). Além de outras obras como: *Horas Sem Tempo* (1999), sendo este um livro de poesias, seu último livro publicado em vida (IBENS, 2009).

Na *Malhadinha* (1990), o autor contextualiza a sociedade oeirense através de sua projeção histórica trazendo representações de família, religiosidade, sexualidade e loucura. A leitura da obra é sedutora e faz com que o leitor seja capturado pelos encantos da escrita do autor. Narra-se acontecimentos importantes para a compreensão da história na primeira metade do século XX, e traz relatos de uma cidade cujas famílias tradicionais tinham na presença do pai, o patriarca da família, o poder absoluto sobre seus familiares. Uma das

principais características deste tipo de família é a hierarquia. O livro é composto por quarenta e nove capítulos e cento e setenta e uma páginas. *Malhadinha* foi a segunda obra de Expedito Rêgo. Nela, o autor expressa todo seu amor à Oeiras e revela a cultura e as tradições da cidade, também usa todos os seus conhecimentos médicos, enriquecendo de detalhes a obra, pois nela, ele expõe fatos vivenciados em sua carreira médica.

A obra traz diálogo entre a História e a Literatura, e é descrita como um romance histórico. Nessa abordagem do diálogo entre a literatura e a história trabalharemos o romance *Malhadinha*. A História formula as perguntas e coloca as questões, enquanto que a Literatura opera como fonte. “A Literatura pode dar a História aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão” (PESAVENTO, 2003, p.82). Na obra literária *Malhadinha* temos como personagens principais: Rosa e seus irmãos; Hélio; Nair e Marcela; dona Maria Ferreira (mãe Sinhá) e seu esposo o velho Noé; Pedro, irmão de Noé e pai de Nelson e Sérgio; Raquel prima de Rosa e amante de Nelson. O romance do escritor, Expedito Rêgo apresenta um panorama do cotidiano de uma família de fazendeiros da elite oeirense, no interior do Piauí, em fins do século XIX. José Ferreira, descendente de portugueses, casara-se com uma senhora da família Macedo. A fazenda Malhadinha fica de herança para os filhos Noé e Pedro que fazem um acordo para não dividir e ficam morando com suas respectivas famílias na fazenda localizada próxima a cidade de Oeiras. Pedro Ferreira é casado com Cristina, e seus filhos são: Nelson e Sérgio. O senhor Noé Ferreira é casado com D. Maria Ferreira (D. Sinhá) e pai de Rosa, Hélio, Marcela e Nair. D. Sinhá reproduz o discurso patriarcalista, governando os afazeres do espaço privado e educando os filhos, principalmente as filhas, sob a conduta religiosa e para casar e serem boas donas de casa.

O literato narra o cotidiano da sociedade da pequena cidade, Oeiras, que durante muitos anos foi a capital do Piauí, mas perdeu o título para a atual capital Teresina. Rêgo conta a história da família Ferreira que tinha três filhas mulheres onde duas sonhavam em casar enquanto que a filha caçula não pensava casar. Mas apenas duas das três filhas conseguiram vivenciar esta etapa da vida que para a época era de fundamental importância. Rosa, a primogênita das filhas, casou com o primo Nelson que era prometido a ela desde criança, engravidou e o bebê nasceu morto fazendo com que a mesma enlouquecesse. A jovem Marcela adoeceu e morreu antes de casar-se com seu primo Sérgio e, por fim, Nair, filha caçula que era uma mulher muito à frente de seu tempo e que muito lutou para fugir deste destino, mas sem sucesso, seguiu o destino de sua mãe casando-se com seu primo Josafat e tendo filhos. Rosa e Nelson, após o casamento, decidem morar em Oeiras devido a problemas durante a gravidez. Com o nascimento e falecimento do bebê, a jovem moça volta a morar na

fazenda na casa de seus pais devido o estado mental da mesma, que necessitava de muitos cuidados.

Ela passou a viver em um quartinho com grades no fundo da casa e seu esposo continuava morando na cidade em uma residência próximo ao bairro Rosário, onde acaba se envolvendo com Raquel, prima distante de sua esposa que é “solteirona”, moça recatada de família e virgem, que mora com os pais. Porém, esses morrem, e ela fica vivendo sozinha na casa e mantendo um caso extraconjugal com o primo. O escritor favorece o entendimento e a imaginação do leitor sobre o costume da sociedade letrada da cidade de Oeiras através de sua obra. O literato mostra a população de uma antiga cidade sem tanta modernidade e extremamente ligada a um catolicismo hereditário, que vive da agricultura e da pecuária. Esse excesso de religiosidade faz com que as pessoas tragam consigo “proibições” geralmente impostas pela igreja católica, como as questões relacionadas à sexualidade, homossexualidade e adultério.

Rêgo foi um escritor muito criticado principalmente por sua obra *Malhadinha* que aborda o cotidiano e costume da sociedade oeirense. O literato tinha um largo conhecimento sobre os acontecimentos da sociedade, era um excelente médico e escritor exímio sobre os costumes da urbe. Rêgo era um literato, mas nunca deixou de exercer a profissão de médico e muito de suas obras discute temas que na época era proibido, tais como: o sexo, religião, homossexualidade, casos extraconjugais e vários outros assuntos polêmicos. Na obra *Malhadinha* o autor apresenta muitos conflitos vividos pelos personagens, todo o enredo se dá em torno da família, casamentos e como consequência a maternidade, religiosidade e loucura. Apesar dos críticos de suas obras, muitos intelectuais conterrâneos o viam como um homem além de seu tempo. Rêgo morre em Floriano no ano 2000, porém sua obra permanece ainda hoje atual. Muitos dos assuntos aqui tratados levam em consideração uma visão de um escritor exímio, que tratava de diversos temas sociais, quem muitas vezes eram silenciados.

2 DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA.

Nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo (FERREIRA, 2012, p. 61).

Por muito tempo a relação entre a história e a literatura era vista como inviável, pois a literatura só era reconhecida como uma leitura de entretenimento, sendo assim, não era aceita como fonte para pesquisa historiográfica. A principal crítica em relação ao uso da literatura na história era o fato de ser um meio onde o homem manifestava suas emoções, frustrações e sem compromisso com o real. Mas ambas podem se relacionar, pois trabalham a linguagem e estão inseridas em um momento histórico.

Mas para a historiadora Sandra Jatahy Pesavento e outros muitos pesquisadores unir a história e a literatura têm um sabor diferente e é como se estivesse “reinventando a roda”. (PESAVENTO, 2003, p. 01). Assim observa-se que a relação entre elas vem fortalecendo-se e que cada uma dá a sua contribuição para a compreensão do processo histórico. Observa-se que a literatura faz parte do repertório das fontes históricas, mas nem sempre foi assim, durante muito tempo esse encontro causava polêmica. Segundo Pesavento:

Admitimos que a literatura é fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registro, no tempo, das razões e sensibilidades dos homens em um certo momento da história. Dos seus sonhos, medos, angústias, pecados e virtudes, da regra e da contravenção, da ordem e da contramão da vida. A literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida. E, com isto, chegamos a uma das metas mais buscadas nos domínios da História Cultural: capturar a impressão de vida, a energia vital, a *enargheia* presente no passado, na raiz da explicação de seus atos e da sua forma de qualificar o mundo. E estes traços, eles podem ser resgatados na narrativa literária, muito mais do que em outro tipo de documento. Como afirma Ginzburg, a poesia- ou literatura – *constitui uma realidade que é verdadeira para todos os efeitos, mas não no sentido literal*. (PESAVENTO, 2003, p.09, grifos da autora)

Com o decorrer do tempo, as fontes literárias passaram a ser vista pelos historiadores como rico material de pesquisa devido à riqueza de seus significados para o melhor entendimento de certas culturas e de experiências de homens e mulheres no tempo.

No século XIX para que a construção da história tivesse validade era preciso uma fonte documental, mas a partir do século XX os historiadores March Bloch e Lucien Febvre fundaram na França a revista dos Annales que tinha a missão de renovar a produção historiográfica tradicional. E assim podemos perceber que Lucien Febvre foi o precursor da história das mentalidades e com isso abrir espaço para investigação de textos literários. (FERREIRA, 2012, p. 63)

Conforme nos mostra Antônio Celso Ferreira, analisar a literatura requer do pesquisador algumas técnicas específicas como perceber os indícios da relação entre a história e a literatura, porque na literatura há características específicas de determinados momentos históricos.

Uma vertente que também é abundante busca analisar como são criadas no texto as representações sociais, nacionais, regionais, morais, ideológicas, científica, religiosas, sexuais ou de gênero e etnia; as visões da cidade e do campo, da natureza e da técnica, do passado e da modernidade, das lutas sociais, do mundo profissional, da riqueza e da miséria, do trabalho e do lazer, da norma e do desvio; as manifestações do imaginário histórico coletivo e da subjetividade de homens e mulheres. Essa linha requer, necessariamente, a interpretação da forma e do conteúdo das obras, ou seja, exige que sua análise interna seja articulada aos contextos históricos e sociais (FERREIRA, 2012, p. 83).

A literatura pode ser usada como fonte histórica, porém, o historiador precisa, necessariamente, perceber na obra literária materiais que possam, junto às histórias sociais, um bom embasamento. Em meio a muita revolução em relação ao uso da literatura com fonte de pesquisa, percebe-se que a escrita da mesma passa também a ser vista como fonte de pesquisa e ambas compartilham do mesmo interesse, que seria narrar acontecimentos. Ferreira assevera que qualquer assunto escolhido pelo historiador na área da literatura irá exigir algo além dos métodos. Segundo ele é preciso “(...) um modo especial de sensibilidade que só é possível alcançar quem gosta de ler este tipo de escrito” (FERREIRA, 2012, p.83). Ainda segundo Ferreira, para interpretar um texto literário é preciso compreender a relação da narrativa com a história fazendo comparação com outros tipos de textos e a partir daí, traçar um paralelo com a literatura e o momento histórico dos principais acontecimentos da época. Assim sendo, nota-se a importância da literatura para a história e da história para a literatura.

3 O USO DA OBRA MALHADINHA COMO FONTE HISTÓRICA: UM DIÁLOGO DE POSSIBILIDADES

Durante muito tempo, a história e a literatura eram vistas com certa dicotomia, cada uma tinha o seu lugar e jamais podiam se misturar, mas com o passar do tempo e com a renovação dos campos e fontes temáticas, percebe-se que ambas podem e devem ser trabalhadas em parceria e que elas podem se completar, pois a literatura não é apenas uma leitura de passa tempo. A fonte literária que foi usada nesta pesquisa foi a obra *Malhadinha*, que dará o suporte necessário para as discussões em torno do tema mulher, casamento e a maternidade um destino prescrito a ordem natural do ser humano em Oeiras. No enredo percebe-se que o literato usa a ficção para trazer problemas que são reais na cidade de Oeiras.

Segundo Ferreira “a literatura integra o repertório das fontes históricas e não provoca hoje qualquer polêmica, mas nem sempre foi assim”. (FERREIRA, 2012. p. 61). É por este viés que o trabalho propõe seguir, onde a literatura como fonte para as pesquisas históricas fazendo indagações e produzindo conceitos que contribuíram para a sociedade. O papel do historiador é confrontar-se com outras fontes, outros registros e escritos de outros intelectuais da mesma época como também depoimentos de pessoas que vivenciaram cenas semelhantes. Para Celso Ferreira: “Os historiadores, devem compreender em seus contextos históricos e sociais, o que requer a consulta a outras fontes da época”. (FERREIRA, 2012, p. 81). E é isso que o escritor proporciona na sua obra literária *Malhadinha*, a contextualização da obra, para assim se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica.

Assim compreende-se que tanto a literatura quanto a história contribuem para a construção de uma identidade social e individual. Muitos textos literários como *Malhadinha* nos mostra várias referências sobre o cotidiano das famílias oieirense.

Pesavento (2003) ilustra muito bem a importância da literatura para história e da história para a literatura e que até então eram vista com certa distância, cada uma no seu lugar, mais no decorrer dos tempos podemos perceber que ambas podiam ser trabalhadas em conjunto e elas completavam-se, pois a literatura não é apenas uma leitura de passatempo. Segundo Pesavento “os estudos sobre o imaginário, abriram uma janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real nos tempos passados” (PESAVENTO, 2003, p. 1). Era possível trabalhar este imaginário e utilizá-lo como fonte para história e assim a literatura além de ser uma leitura de entretenimento passou também a ser reconhecida como uma leitura de grande importância para responder alguns questionamentos da história. Assim, as pesquisas neste campo vêm tomando grandes proporções e ampliando cada vez mais.

A literatura pode e deve ser utilizada pelos historiadores como documento, pois ambas são narrativas, mas o historiador precisa relacionar o material pesquisado com outras fontes que permitam a contextualização dos mesmos. E assim a história e a literatura vão se misturando e dando sentido a acontecimentos passados.

Para Muniz (2007), a Literatura pode fornecer ao historiador a parceria perfeita para incentivar a narrativa do passado. Para melhor ilustrar seu pensamento ele faz uma metáfora entre História e Literatura, onde ambas unem-se, como o masculino e o feminino.

A história seria como os homens da literatura de Clarisse Lispector, que possuindo uma idéia e tendo dificuldade de pensá-la a expunha, a tornava imediatamente gesto, mecanismo, como quem joga carochos, enquanto a literatura teria parentesco com as mulheres claricianas, espirituosas, fazendo

as idéias se reproduzirem em profusão. Os homens, como a história, tenderiam a acreditar que a realidade é aquilo que vêem e se quedariam pacificados a contemplar o mundo que construíram. Tudo o que perturba é afastado, dando origem a um mundo de superfícies nítidas. As mulheres, como a literatura, intuem que a realidade está sempre mais além ou aquém do que vêem e a buscam incessantemente, buscam um mundo que ainda estaria por construir, pois só vêem ruínas onde os homens enxergam construção. A história, como o masculino, como o seu poder, como o tempo, seria o que permanece, a literatura, como o feminino, seria o que se substitui permanentemente, buscando habitar, ser nas brechas, nas fendas desta dominação secular, frinchas por onde o vento entra e a revolta pode se expressar, a raiva e o grito podem se manifestar. A literatura, como a mulher, teria a coragem de se perder, de errar, de se afirmar na queda, de ser como decaída. O realismo da história seria masculino, pois os homens são a realidade, é isso contra o qual se esbate a literatura, o feminino inconformado com essa realidade que o alija, a procura de outro mundo que só a mulher poderia compreender. História e literatura, masculino e feminino, ainda inimigos, mesmo no amor. (MUNIZ, 2007, p.49).

O autor complementa: “a relação entre História e Literatura é um dos temas mais recorrentemente debatidos, nos últimos anos, pelos historiadores.” (MUNIZ, 2007, p.43). No entanto, várias são as discussões em torno da história cultural e a história social. Ele usa algumas metáforas para explicar a polêmica entre ambas, o intelectual as coloca em patamares diferentes, onde a História Social está ao lado da objetividade, da realidade do fato histórico enquanto que História Cultural estar ladeada com o discurso literário onde o historiador ao lado da literatura ira precisar se posicionar. Ele usa uma forma diferente para relacionar a história e a literatura utilizando metáforas, e mostra que não é apenas uma questão onde a história seria o masculino e a literatura o feminino.

A literatura é uma manifestação cultural, mas que precisa ser compreendida, e a partir deste entendimento tentar interpretar uma série de registros feitos pelo homem durante sua história, como visões de mundo, angústias, amores etc. Partido dessa perspectiva, o romance, *Malhadinha* será usado com fonte de pesquisa para este estudo. Para a professora Teresinha Queiroz.

A literatura está em toda parte, os literatos também são homens comuns e pagam um tributo a essa humanidade. E a vida, a vida humana, que é de interesse permanente para o historiador e igualmente para o produtor de literatura, esta, portanto, na mira dos estudiosos das relações entre história e literatura. (QUEIROZ, 2006, p.88).

A Literatura é, portanto, uma dinâmica que envolve a todos, mas precisa haver uma coerência entre os documentos pesquisados. E assim, percebe-se que a literatura é uma fonte privilegiada para o historiador, pois lhe permite acesso diferenciado ao imaginário. Ambas, são discursos que sempre se mantiveram próximos, são produtos de linguagem e imaginação. E como consequência destes discursos é que iremos perceber a importância do romance histórico. Colocando à tona alguns elementos que faz lembrar os reais acontecimentos da história, como personagens, situações de transformação que estas vivenciam, que de certa maneira revela a forma de ser, agir e pensar delas. Deste modo, o discurso literário possui profundas raízes históricas, que a partir deste é possível que obtenhamos visões acerca da sociedade e de determinadas classes sociais, valores políticos, religiosos, etc. que são expressos esteticamente por meio da literatura. Segundo Pesavento (2003, p. 3):

A história é *um romance verdadeiro*, disse o iconoclasta Paul Veyne no início da década de 70. Verdadeiro porque aconteceu, mas romance porque cabe ao historiador explicar o *como*. E, nesta instância, na urdidura do texto e da argumentação, na seleção dos argumentos e das próprias marcas do passado erigidas em fontes é que se coloca a atuação ficcional do historiador. Como diz Jans Robert Jauss, o historiador faz sempre uma ficção perspectivista da história. Não há só um “recolhimento do passado” nos arquivos. A história é sempre construção de uma experiência, que reconstrói uma temporalidade e a transpõe em narrativa. Chamamos a isto de estetização da História, ou seja, a colocação em ficção – ou narrativização – da experiência da história. (PESAVENTO, 2003, p. 3)

A história são os fatos ocorridos ao longo dos tempos, e o homem precisava expressar seus sentimentos como o amor, as frustrações, os desejos e suas angústias, então ele passou a usar a literatura a seu favor. E assim pode-se definir romance histórico, como uma mistura da história com a ficção, reconstruindo ficticiamente acontecimentos, costumes e personagens históricos de uma sociedade. Desse modo, busca-se abordar as representações de gênero, sexualidade maternidade e loucura no texto ficcional – sob forma do romance histórico – na tentativa de transformar a literatura em fonte histórica.

Percebemos assim que o historiador trabalha com a transformação de alguns traços em fontes e sempre fazendo várias perguntas ao passado. O historiador tem o mundo em sua disposição, tudo para ele pode se transformar em fonte, em documento, só precisa que ele

tenha algumas perguntas, até então sem respostas. Passamos então a perceber os grandes indícios das relações entre a literatura e a história. Muitas vezes na leitura de uma obra literária percebemos características específicas em determinados momentos históricos daquela região, com isso a literatura é vista como parte do processo, como criada em um momento histórico, em condições específicas que determinam o conteúdo da obra literária. A literatura é aqui pensada como uma possibilidade de contar a história. Segundo a professora Teresina Queiroz:

[...] “é indubitavelmente preciosa como fonte a produção literária vista enquanto conjunto de trabalhos restritos ao romance, da poesia, ao conto, enfim, a literatura considerada como as belas letras e especialmente no seu âmbito ficcional. Tomando o romance como exemplo, a leitura do seu contexto de produção é indicativa do modo como o literato pensa o social, registra esse social, demarca as relações entre individualidade e grupo, mesmo que o procedimento seja o da funcionalização. Essa leitura também pode ser reveladora da maneira como esse social modela a literatura, conforme o literato produz o livro. Assim para compreender o romance enquanto fonte, há que se estabelecer uma rua de duas mãos: a literatura informa a história, mas essa história produz uma certa literatura, e essa relação é necessariamente incontornável. (QUEIROZ, 2006, p. 85).

A literatura pode e deve ser vista como algo que faz parte do processo criado em um momento histórico e ela pode e deve ser pensada como uma das possibilidades de se contar história. Essa aproximação entre história e literatura pode desmitificar a figura do historiador e o caracterizar como narrador e o melhor é perceber que essas obras literárias geralmente abordam fatos da história.

Segundo a historiadora e professora Teresinha Queiroz é necessária lançar um novo olhar acerca das fontes e identificar, categorizar, catalogar diferentes repertórios que possam dar suporte a pesquisa histórica. Surge então uma nova forma de pensar a relação entre história e literatura como novas possibilidades de utilização de fontes e documentos que não eram usados. Para o historiador, pensar a história e a literatura só terá significado quando se compreender seu contexto histórico e social, que requer a consulta a várias fontes da época. É de fundamental importância perceber a literatura como fonte para a história, mas temos que ter consciência que é necessário que essa leitura ficcional seja confrontada com outras fontes como jornais, revistas e folhetins da época, para que essas matérias possam dialogar tentando assim chegar à veracidade das informações dadas pelos literatos sobre o cotidiano dos nossos antepassados. (QUEIROZ, 2006)

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História**: A arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História. São Paulo: Edusc, 2007.256p. Páginas 43-51 primeiro capítulo.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto 2012. p. 61 a 88.

IBENS. **Almanaque Biográfico**: José Expedito de Carvalho Rêgo, um homem a frente de seu tempo. Instituto Barros de Ensino, Oeiras, 2009.

IBENS. **Revivendo o Cometa**. Instituto Barros de Ensino, Oeiras, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura**: uma velha nova história. XXX. 2003. p. 1 a 9.

QUEIROZ, Teresinha. **Do Singular ao Plural**. Edições Bagaço, Teresina, 2006.

RÊGO, José Expedito. **Malhadinha**. Teresina. Academia Piauiense de Letras, 1990.